A Chave do Apocalipse

Livro 1 – O Herdeiro das Três Chaves

Lucas Munhoz

Aos meus pais, irmãos e namorada, que contribuiram me dando apoio para que cada linha desse livro fosse escrita.

Quando me perguntam como escrevo, digo que simplesmente as palavras chegam e vão sem se despedirem."

Lucas Munhoz

Ao leitor, obrigado e boa leitura...

Capítulo 1

Basílica de São João de Latrão

A pouca luminosidade presente dificultava e muito os rápidos e longos passos do sujeito. Conforme tateava as paredes laterais, punhados de terra vermelha caiam no chão. A luminosidade vinha das tochas feitas de madeira, essas ficavam enterradas até a sua metade nas paredes bastante íngremes, a maioria delas já havia sido apagada pelo tempo sem que ninguém visitasse ou pelo menos passasse por ali.

Nas paredes viam-se buracos que pareciam não ter fim e outros inacabados, mostravam o cessar da construção de outros túneis catacumbários. A silhueta se deslocava muito rápido com passos desesperados, e mantinha-se encurvada praticamente a noventa graus por causa do teto que era muito baixo. Sufocado pela poeira e pela falta de ar, o estranho arregalava os olhos conforme passava pelas diversas vias de acesso do local.

As paredes eram todas cheias de criptas e túmulos, como se fossem prateleiras umas sobre as outras, o chão com terra batida e a grande quantidade de poeira só deixavam mais difícil a progressão do estranho até seu destino.

A distância que separava uma parede a outra tinha menos de um metro, nos muitos túneis que se abriam lateralmente, apresentavam algumas salinhas abobadadas contendo esculturas e outras peças artísticas, provavelmente de uma época mais remota. Todas as esculturas estavam cobertas por teias de aranha e praticamente ficavam irreconhecíveis.

Movia-se mais rápido do que nunca, descalço e com uma túnica, a luminosidade aumentava e o ar também já não estava mais escasso. Pegou uma via a esquerda e seguiu ligeiramente, quase correndo, os túmulos eram intermináveis o

bastante para deixá-lo enjoado com o forte odor, mas ele não hesitou em tampar o nariz com a manga da própria túnica que também estava suja. Seguiu por mais alguns metros e se deparou com uma enorme e infindável escada estilo marinheiro, os degraus pareciam subir mais de dez metros até o solo, não hesitou em subir. Ouvia-se somente a forte e rápida respiração do sujeito, algumas poucas vezes os estalidos das tochas acesas.

Os degraus aparentavam estar totalmente podres por serem velhos demais, não eram muito confiáveis, isso não foi surpresa ao estranho, que após subir quebrou um degrau e bateu com a canela fortemente no que estava abaixo, isso fez que ele soltasse um grito que fora ecoado nos túneis.

Tentou subir mais um pouco e percebeu uma porta de madeira de um metro quadrado cravada bem acima de sua cabeça, empurrou com uma das mãos, mas não fora bem sucedido ao cair poeira nos seus olhos. Pegando uma tocha apagada que estava no canto dos degraus, começou a bater com força na fechadura da porta, tanta força fez que quebrou um dos degraus novamente. Aquilo poderia ser hilariante se alguém além dele estivesse ali. Com raiva, o estranho bateu novamente, entretanto com mais força que a porta se abriu batendo no solo do lado de fora, resultando em um som agudo e absurdamente alto ao se abrir. Já com a cabeça pelo lado de fora do túnel, observou a pequena sala em que estava, com uma enorme janela e alguns bancos vermelhos nos cantos, a sala poderia ser comparada com o interior de um cilindro com um teto avantajado e abobadado. Estava iluminada por muitas velas, facilmente percebia as pinturas nas paredes; o teto era revestido em ouro, prata com clássica combinação de madeira maciça e pesada. No vitral colorido havia a presença de uma enorme trinca que dava a observação ao outro lado daquele salão.

Sujo de terra, ele tirou o pesado capuz e mostrou um cabelo bastante grande e descuidado pelo tempo, sua pele trazia cicatrizes enormes de alguma guerra ou

conflito, franziu as rugas da testa analisando um pouco mais do local. Tinha uma altura mediana e um corpo magricela aparentando um Jesus Cristo dos filmes que passavam na televisão, os pés descuidados e sujos haviam sujado todo o liso e desenhado chão daquela sala.

Foi até o vitral e tentou abrir uma pequena fresta ao mexer na trinca, mas estava dura. Colocou um dos pés na borda da janela e enquanto mantinha o outro firmemente apoiado no chão, com as duas mãos tentou abrir e num solavanco conseguiu cambaleando, por pouco não caiu. Olhou pela abertura, entretanto, se jogou rapidamente no chão ao dar logo de cara com as costas de um militar, que carregava consigo empunhada uma arma pesada. A respiração do estranho ficou mais acelerada. Ele ficou ali, parado por alguns segundos até ouvir as vozes de quem estava do lado de fora:

- Vocês ouviram algum barulho? – perguntou um guarda.

- Não, acho que não, deve ter sido algum homem de Deus que estava no banheiro da basílica, ou talvez, algum demônio entrando por algum lugar. – outro homem disse zombando.

As prolongadas risadas dos militares ecoaram do lado de fora da basílica. O estranho cabeludo se levantou e não se preocupou em fechar a trinca, tirou um objeto irreconhecível da túnica e rapidamente o devolveu ao bolso interior, uma porta de vidro toda desenhada dava acesso a algum lugar mais adentro da arquibasílica.

A maçaneta preservava um formato semi-esférico com detalhes artísticos, colocando uma das mãos sujas e mal cuidadas, tentou abri-la, mas estava fechada. Começou a balançar a porta, sem obter êxito, foi até um dos bancos vermelhos, virou-o para baixo e tirou dois pequenos arames que faziam parte de uma grade sustentadora do banco, tinha aproximadamente o tamanho de um alfinete. Depois os colocou na fechadura mexendo estrategicamente os pedaços de arame em lados

opostos um ao outro, só cessou quando ouviu o barulho dos mecanismos que se deslocavam dentro do miolo da fechadura. Girou a maçaneta que por sorte havia sido aberta com êxito.

Colocou os dedos para fora da porta, logo depois a cabeça com muita atenção ao que fazia. Viu-se de frente para dois enormes amontoados de cadeiras almofadadas que se dividiam por uma passarela e seguia até uma enorme abside, finalmente deu-se conta que tinha chegado ao seu destino, abriu um sorriso com alguns dentes e disse em uma voz bastante rouca:

- Finalmente cheguei à basílica fundada por Constantino, esta é arquibasílica de São João de Latrão, onde termino minha caminhada, mas começo uma grande profecia – sua rouquidão distorcia as palavras que nem ao menos ecoavam pelo salão enquanto andava escorando em uma parede perfeitamente esculpida e desenhada.

Nas paredes mostravam-se grandes e invejáveis estatuas dos discípulos de Jesus Cristo, dentre elas uma era enorme, a de Pedro. O teto tinha quase a mesma aparência da sala anterior, se não fossem as formas quadradas e o enorme lustre central que deixava o local ainda mais calmo. O chão também era todo desenhado magnificamente, aquela era uma das imagens de mais bela arte e bem feitoria que poderia se imaginar em algum local, totalmente feita à mão por antigos artistas cristãos e pagãos.

Ao virar para a parede, se deparou com a principal abside cercada e protegida por uma corda vermelha, suspendida por pedestais, ela impedia a passagem de turistas e visitantes curiosos. A abside era a grande atração da arquibasílica, com grandes janelas e com um trono papal, essa arquibasílica é considerada a mãe de todas as basílicas do mundo.

Não hesitou em atravessar a abobadada, depois passou pela corda vermelha, por onde andava deixava rastros de terra. Sem demora chegou até a escada de

frente para o trono papal. Nos cantos da abside haviam enormes bancos almofadados com vermelho, eram iguais aos bancos da sala anterior, feitos de tecido e madeira nobre. Subiu uma escadaria de poucos degraus e defrontou-se com uma placa escultural de cor branca onde tinham gravados alguns símbolos religiosos e escritas em outra linguagem.

De joelhos em frente ao pedestal, passava rapidamente as mãos na parede procurando por algo que ainda não encontrara. Gotas de suor molhavam o chão, o desespero parecia lhe tomar conta, a sua respiração aumentava junto com a vontade de querer achar o que tanto procurava, a dificuldade era tatear a parede ao mesmo tempo em que apurava os ouvidos a qualquer som que não fosse vindo dele mesmo. Depois de algum tempo procurando, sentiu um ponto em alto relevo, apertou-o com mais força, um buraco de mais ou menos vinte centímetros de diâmetro se abriu com um som de pedras se deslocando, o sujeito ria como se aquilo fosse a melhor coisa do mundo. Ao abrir a cavidade por inteiro, um forte trovão o assustou resultando em um pulo desengonçado. Olhou para trás novamente, então teve a certeza de estar sozinho por ali. Os pingos de uma chuva forte pareciam tiros ensurdecedores nos vitrais do teto acima de sua cabeça.

Ainda ajoelhado, colocou a mão encardida no bolso da túnica e tirou um embrulho vermelho de dez centímetros exibindo um brasão bordado no centro. O símbolo não era estranho e quase pegava metade do embrulho, o tecido era fino e brilhava muito com a luminosidade do lustre do teto próximo a abside.

Olhou para a pequena brecha na parede, colocou o pano avolumado no interior da cavidade e tentou procurar outro local na parede para fechar a abertura. Com a ajuda das mãos no chão ele se colocou em pé.

Direcionou o olhar para o teto ovular, que apresentava figuras de Jesus Cristo com anjos acima da sua cabeça e abaixo dele outras divindades e animais, que demonstravam a supremacia da igreja na idade média, ele disse:

- Senhor meu. Espero que eu tenha feito tudo da forma mais correta possível – disse isso pegando uma navalha que estava presa em um suporte na canela. Abriu a túnica e com a lâmina começou a ferir violentamente o seu peito nada robusto, se cortou até a região do abdômen, viu o líquido vermelho escorrer pelo corpo até o chão. Sentia muita dor, mas mesmo assim continuou a fazer outro ferimento horizontal no peito cruzando com o primeiro, formando uma cruz, o sangue escorria demasiadamente. Passou o dedo indicador nos ferimentos e com ele encheu toda a escada branca do pedestal de símbolos e palavras em latim. Alguns minutos depois, tentou estancar com as mãos o machucado, porém não conseguiu, era grande o ferimento, desistiu e se arrastou para o meio da abside deixando um grande rastro de sangue no chão, com o corpo fraco se apoiou em um banco próximo, mas caiu de cara no piso liso, não tinha mais forças para sair dali, pensou que fosse morrer.

Levantou-se com esforço sobre-humano, quando fez isso um envelope branco caiu da sua túnica sem ser percebido, andou até a corda avermelhada e olhou novamente para a abside, viu uma imagem totalmente aterrorizante.

Deu as costas para a abobadada enquanto cuspia sangue pela boca e se dirigiu para a mesma sala de onde veio, após trancá-la, colocou metade do corpo para dentro do buraco que descia pela escada, olhou para todo o local como se nunca mais fosse voltar ali e com um som estridente fechou a pequena porta cravada no chão.

A sala toda mergulhou na luz dos relâmpagos e nos ensurdecedores barulhos dos fortes trovões. E o que restou foram somente a solidão e o eco abafado da madrugada e da chuva batendo na janela, nada mais que isso.

Capítulo 2

Sangue?

- Senhor Geringh – disse um homem pequeno, cujos cabelos arrepiados demonstravam inquietude – o senhor já inspecionou a abside principal?

- Não, Hubermen – respondeu com calma, ele era um homem mais alto que o outro, com aquela estatura qualquer um seria mais alto que Hubermen é claro – logo iremos inspecionar lá também.

O local onde estavam não era diferente de toda a basílica, os desenhos e as formas mais variadas se mostravam cada vez mais, em todo canto a beleza artística e arquitetônica se propunha a ser mais impressionável.

Continuaram andando por mais um monte de pilares e estatuas brancas, talvez feitas de mármore. A escuridão e a chuva se tornavam assustadoramente hostis apesar do lugar estar bem iluminado. Andavam rapidamente enquanto suas leves e compridas batinas escuras se movimentavam com o vento forte que vinha com a chuva.

Uma porta os esperava, olhavam para todos os lados e viam que nada estava errado por ali, estavam em uma varanda em forma quadrada, entre ela um jardim enorme se fazia ainda mais escuro, a forte chuva transbordava um chafariz, derramando água para todos os lados. Os dois homens circulavam pelo lado esquerdo da enorme varanda que era iluminado pelas pequenas luzes laterais.

A basílica ficava fora do Vaticano, depois de um rio que atravessava todo o raio de Roma, era tão grande quanto a sua fama pela fé nas esquinas romanas. Enquanto isso os dois religiosos ansiosos se dirigiram até uma porta de porte normal, Hubermen pegou um molho enorme de chaves grandes e douradas,

selecionou uma e abriu. Deu-se para uma sala totalmente mórbida, o lustre mostrava as sombras dos móveis que se projetavam nas paredes e que se engrandeciam nas assustadoramente. O teto que se erguia diante de tudo era muito bem esculpido. Os dois andaram por entre os dois montes de cadeiras e viram as paredes com enormes estátuas, passando por uma enorme abertura em arco que dava entrada a uma grande sala com muitas cadeiras. Geringh observou a grande e horizontal sala submersa em silêncio profundo. Enquanto Hubermen ignorava o tom grisalho dos cabelos ao se ocupar em olhar entre as estatuas nas paredes, o outro religioso se dirigiu até um pequeno compartimento cheio de botões que poderia ser levemente pressionados para cima e para baixo, apertou quatro botões laterais e com um só estalido percebeu que luzes haviam sido acesas na sala principal, onde de fato Hubermen estava.

Geringh olhou em volta de si e viu que nada estava errado ali e tentou voltar para o amontoado de cadeiras, mas foi ai que uma coisa o congelou momentaneamente, seu rosto tomou feição de pavor.

O outro religioso que de costas estava para o que o amigo viu, perguntou rapidamente:

- Ei... O que está havendo com você?

Ele só conseguiu apontar para o que via trás de Hubermen e foi quando esse se virou, ficando também paralisado com a assustadora imagem que observava. Passou as mãos na cabeça e indagou de forma desesperadora com os olhos esbugalhados:

- Senhor Deus, o que é isso? – e saiu correndo para mais próximo a cena, acompanhado de Geringh.

Os dois pararam diante da corda vermelha e contemplaram tudo aquilo, como se fossem pequenos meninos com medo de fantasmas, estavam assustados demais

para tirar alguma conclusão do que viam. Abaixados, passaram pela corda e quase que um deles escorregou em uma poça de sangue, soltando um gemido estranho.

- Não sabemos o que realmente aconteceu aqui, mas de fato isso não é nada bom, ainda mais se tratando de estarmos na basílica das basílicas – Hubermen dizia trêmulo enquanto examinava as paredes e a escada toda ensanguentada.

- Parece que um demônio passou por aqui, mas como? A porta está fechada, tudo está fechado, não existe possibilidade de entrada e muito menos de saída, a guarda romana está lá fora também – Geringh falava isso e tentava entender que linguagem era aquela.

O outro como se adivinhasse seus pensamentos respondeu:

- Isso é latim e os símbolos têm muito haver com a Nova Era, o latim foi usado durante muito tempo, mas entre religiosos superiores é bastante usado ainda, os símbolos nos são pavorosos emitindo paganismo e satanismo – apontava para uma cruz virada para baixo. A cruz de sangue era horrível e pegava certa parte de toda a parede.

- Olha isso! – exclamou o Geringh espreitando os olhos azuis.

- O que é esse envelope? - dando as costas para a parede e voltando-se para o meio do salão – onde estava isso?

Ele mostrava o papel branco enquanto os dois se juntavam de bocas abertas. O envelope era pequeno e nele tinham gravados detalhes em dourado, não vinha com destinatário e nem ao menos remetente, era estranho e emitia morbidez, o tom esbranquiçado era meio que amarelado nas pontas e um selo o lacrava, um selo vermelho.

- O que deve conter nesse envelope? – indagou Hubermen ao pegar o objeto das mãos do outro religioso.

- Não sabemos, mas se abrirmos é claro e óbvio que descobriremos – dizia ele com brilho de curiosidade nos olhos, quase que se esquecendo do lugar em que estava.

- Não podemos fazer isso, precisamos entregar nas mãos do Papa Emannuel e deixar que resolva isso por nós, depois precisamos limpar toda essa sala para que mais ninguém veja, seria uma catástrofe para a igreja católica – olhou novamente para a abside, não acreditando no que ainda via e colocou o envelope em um dos bolsos.

- Porque viriam até aqui, fariam tudo isso e ainda deixariam um envelope desconhecido? – perguntava Geringh sem obter respostas.

- Agora ainda é madrugada – olhando para o relógio de pulso – limparemos tudo isso e bem cedo trataremos de conversar com o Papa – sugeriu.

- Vamos limpar logo então, que isso tudo já está me assustando mais do que eu queria que assustasse.

Capítulo 3

O envelope

- Sua Santidade – disse uma mulher de cabelos castanho que exibia metade do corpo para dentro da sala papal - tem dois padres que vieram para falar com o senhor – comunicou ela com um sorriso sutil.

O superior estava no canto da sala e ergueu a cabeça, ajeitou os óculos na ponta do nariz e perguntou:

- O que querem? – com uma serenidade impressionante.

- Não quiseram falar, mas estão atônitos, desesperados e cansados, acho que vieram correndo, são da arquibasílica de São João de Latrão.

- Mande que entrem, por favor – disse fazendo um gesto com a mão.

Logo após um curto intervalo de tempo, os dois entraram com as mãos para trás e não hesitaram em se curvar para o papa.

- O que os trazem aqui?

- Seremos tão diretos quanto o que nos ocorreu, nessa madrugada – começou Geringh gaguejando – aconteceram coisas estranhas na arquibasílica, a abside principal estava toda cheia de sangue, com símbolos e escritas em latim, viemos comunicá-lo – mal conseguia falar.

- O quê? – perguntou mais atônito que os dois juntos, o religioso era um homem magricela e tinha olhos que pareciam bolinhas de gude, aparentava ter mais de sessenta anos devido as rugas no rosto.

- Oh Meu Deus, preciso ver isso – quase que deixando os dois sozinhos na sala, mas sendo segurado por Hubermen, que rapidamente o conteve dizendo:

- Vossa Santidade, já limpamos tudo, não podíamos deixar que mais ninguém visse, seria denegrir a imagem católica diante do mundo, se caso isso vazasse pela imprensa.

Emannuel sentou-se novamente na sua cadeira, deixando seu corpo afundar na almofadada que provavelmente deveria custar milhões, ou talvez tivesse sido doada por algum rei.

- Também encontramos isso senhor – Hubermen mostrou o envelope e entregando-o ao papa ao mesmo tempo em que o tom dourado brilhava diante do enorme lustre no teto acima da mesa de madeira escura.

Todos ficaram ali contemplando o pequeno objeto branco.

- Também escrevemos tudo o que estava escrito nas paredes em um papel, para lhe mostrar e não perder dados, talvez sejam importantes para Vossa Santidade - Geringh deu ao homem um pergaminho enrolado, enquanto tremia – está escrito em detalhes.

Emannuel pegou e abriu, começara a ler quando sua nuca arrepiou ao ler tamanhas informações, nada mais vinha na sua mente do que as palavras e os símbolos. Dobrou o pergaminho e colocou debaixo de uma estatueta de São Pedro que estava na mesa, logo depois disse:

- Espero que o que aconteceu não saia da boca de nenhum de vocês, acho que estamos prestes a uma guerra horrível, a uma profecia sangrenta.

Durante anos a igreja passou por muitos conflitos, mudanças e traições sem igual, a igreja foi vítima, sempre foi e parece que a madrugada de hoje fomos vítimas outra vez de um ataque pagão. E agora, pelo que vejo no que me trouxeram que estamos prestes a sofrer uma guerra histórica, onde o mal se levantara contra o bem e o bem contra o mal. As palavras do homem fizeram com que Hubermen e Geringh arrepiassem todo o corpo e também se apavorassem.

A sala era rodeada de prateleira enormes, com livros enormes e com histórias enormes, havia uma janela atrás do papa, ela atravessava de fora a fora toda a parede, parte do piso era coberta por um tapete vermelho, apesar do lustre a sala parecia mais acinzentada do nunca, a lareira acesa mostrava dias frios em Roma.

- Senhor Emannuel, não vai abrir o envelope? – perguntou Hubermen cheio de curiosidade.

- Sim meu caro, mas não agora, prefiro não assustá-los mais, nunca se sabe o que deve haver nisso. Vocês dois podem ir e fiquem de olhos bem abertos na arquibasílica, qualquer movimento errado, comuniquem aos militares e a mim – disse estendendo-lhes as mãos como forma de despedida.

Os dois religiosos cultamente saíram até não se ouvir mais nenhum som na sala papal. Emannuel se levantou, abriu o envelope e não se surpreendeu ao ler tudo, levantando-se foi até uma prateleira e colocou o papel entre alguns livros, voltou para a mesa. A luz do sol batia contra a janela, de frente para a mesma e olhando todo o raio romano, as casas enfileiradas, as pessoas se movimentando rapidamente, ele refletiu sobre centenas de fatos ocorridos por ali e que só agora, depois de muitos anos veio a acontecer outro atentado pagão. Parado por alguns minutos virou-se dando as costas para a janela, os seus olhos demonstravam os mesmos olhos dos padres, demonstrava medo.

Sentou-se e olhou para uma enorme imagem de Jesus Cristo na parede, mas algo o assustou e muito, a imagem estava de ponta cabeça, alguns segundos atrás se mantinha normalmente correta, nesse momento aquilo assustava muito e a imagem sorria para ele, com dentes afilados.

O local começava a criar um clima pesado e assustador, muito estranho. Uma neblina tomara tudo ali, já não parecia mais uma sala, mas sim um local deserto, longe das proximidades. A presença das prateleiras, da mesa, do lustre, da janela e da imagem não fazia mais parecer uma sala. Voltou-se para a imagem e viu que do

rosto maléfico de Jesus, outro rosto começava a tomar forma e a sair do retrato. Aos poucos um corpo foi tomando forma e um homem de terno estava fora do retrato, flutuando com a cabeça para baixo e com o sorriso assustador.

O corpo flutuante girou cento e oitenta graus, colocou os pés ao chão sem ao menos causar barulho, o sujeito mostrava os dentes e seus olhos queimavam em fogo, era realmente horripilante, algo inimaginável. O chão não passava de terra e o odor de enxofre era tão forte que causava certa falta de ar no papa, os dois ficaram ali parados, ambos se entreolhando.

Emannuel estava tremendo, a única coisa que lhe veio a mente fora o que havia acabado de ler, não sabia o que dizer, seus pensamentos se transformavam em um emaranhado desregulado de memórias, mesmo assim rompeu o silêncio ao dizer:

- Quem é você?

- Como entrei pela chaminé, talvez deva ser o Papai Noel, não acha Vossa Santidade? – dizia zombeteiramente enquanto a chaminé acesa queimava como nunca.

- Quem é você? Não brinque com um homem de Deus, você é algum demônio? Não entrou pela chaminé – convencido de que o homem era uma anormalidade.

- Não brincar com um homem de Deus? Não tenho medo de Deus, se não nem arriscaria ter vindo até aqui, mas vim pegar uma coisinha que você guardou na sua prateleira – disse ele sentando em um banquinho e cruzando as pernas enquanto sorria.

- Não vou te entregar nada... Qual o seu nome? – indagou amedrontado.

- Meu nome? Já ouviu falar no filho do mal? Filho do deus maior, mas o meu deus é diferente do seu, meu pai quer explodir essa igreja em pedaços, quer fazer a cabeça de beatos como você se resumir a pó – falava o homem exibindo aproximadamente 1,75cm de altura, era forte e a pele clara fazia aparentar um fantasma, seus olhos pretos ornamentavam os cabelos escuros e penteados de lado.

O terno que trajava se tornava mais fino com a neblina, usava luvas brancas e sapatos brancos. O pouco espesso bigode que tinha no rosto deixava-o com ar maléfico e o seu sorriso era estranhamente sagaz.

- O seu deus não é bom, apenas um anjo ridículo que tentou trair o meu, mas que foi em vão, tão fraco – disse o papa dessa vez tomando o lugar de zombeteiro.

- Não me venha com historinhas de criança – abanando a mão mostrando que não se importava com o que Emannuel acabara de falar.

No mesmo momento o sombrio sujeito com uma agilidade única e quase que imperceptível a olho nu pegou o religioso pelo pescoço, tirou-o do chão mostrando uma força fora do normal.

- Então senhor papa, vai falar mal de meu pai? – apertando o pescoço do homem com mais força até que suas veias saltassem, ele tentava escapar balançando o corpo todo, mas em vão, o homem estrangulava com tamanha força que não havia mais nada o que fazer.

- Calma, podemos conversar – chorando com terror nos olhos.

- Hum... Conversar? Um religioso conversando com um homem do mal, não é pecado? – dando uma gargalhada maléfica – Você está chorando seu idiota, hipócrita, é humilhante não é?

- Sim, conversar... – mal conseguia falar.

O estranho soltou o papa que caiu sentado na cadeira com as mãos no pescoço dolorido. Novamente o maléfico começou a falar:

- Então, faz um tempinho que estava lá fora, esperando a hora certa e percebi dois homens entrando aqui na igreja hoje, logo depois saíram com pressa, sabe-me dizer o que houve?

- Não sei, acho que viu errado – falou Emmanuel tentando desconversar.

- Não minta para mim, ou quer que ocorra um novo conclave? – perguntou com ironia, mas decidido a matar para conseguir o que queria, agora ficando mais enraivecido.

O papa estava vendo o demônio propriamente dito bem na sua frente e não tinha para onde correr.

- Estava escrito sobre Constantino, fundador da basílica, sobre uma profecia – as mãos dele tremiam como se todo o calor ali fosse frio.

- Mas de que jeito estava escrito? – aproximando o rosto gélido ao rosto do papa que começara a suar.

- Constantino virá, a profecia acaba de começar – respondeu o religioso.

O homem demoníaco deu outra risada.

- Acha que eu não sabia? – indagou com tom maligno.

- Foi você quem fez aquilo? Seu demônio!

- Não, não fui eu, o mal age de surpresa, não avisa nada, nem eu sei quem foi, também não importa, deve ser alguma pessoa querendo avisar a igreja, para deixá-la a par de tudo. E o que estava escrito na carta?

- A carta? Não te entregarei a carta em hipótese alguma.

- Você é quem sabe papa do meu coração, assim vou sofrer ao te fazer muito mal, não acha? – perguntou zombeteiramente.

- Não vou entregar, já disse! O meu Deus está comigo, nada vai me acontecer.

- Hum... Como diz com tanta certeza, – zombou – o seu Deus nem cuida dele mesmo, vai cuidar de ti, pobre cristão? Acha que o que você e seu bando de idiotas chamam de seu deus se preocupa com um medíocre como você?

O homem estava ficando furioso, abriu os braços e fechou os olhos enquanto um vento muito forte começou a bater, o lustre balançava com muita força, parecia que ia cair. Com muita rapidez e força da mente fez com que alguns vasos ficassem suspensos e os jogava contra a parede, causando muito barulho.

Emmanuel estava muito assustado, parecia tudo estar perdido, seus olhos pediam por socorro e por misericórdia, mas sua voz não saia, estava pálido e o seu nariz começava a sangrar.

- Papa! Está gostando da brincadeira de mágica? – rindo sem parar – Nossa... Nem ao menos consegue falar, devo ser muito bom nisso, não sou?

E com um movimento de braço fez o religioso flutuar e ir de costas direto contra a parede.

Se aproximando do padre que estava caído no outro canto do cômodo, andava calmamente e sempre olhando para os olhos do aterrorizado.

- Sabe... Eu posso pegar a carta quando eu bem entender, pois você não pode comigo, mas quero que o novo conclave venha logo. Quem sabe o novo papa seja mudo, pelo menos não o matarei por ter falado tanto.

O homem impiedosamente se aproximou, o pegou pela gola da roupa, suspendeu Emannuel sem o menor esforço, dizendo:

- E agora? Você disse que o seu deus não permitiria! Não foi? Acho que o seu mestre, ou como seja que você o chama, deve apenas estar no banheiro cuidando de uma das anjinhas, não é mesmo idiota? – dando uma risada horrível – Acho que vou fazer o seu nariz parar de sangrar, mas quem sabe os seus neurônios que só pensam em Bíblia saíam pela boca. Ou devo te obrigar a comer um de seus santos feitos em prata? Ou aqueles livros de ouro! Pelo menos come toda a riqueza que tem, como não distribui aos necessitados mesmo, pode comer agora – dizia olhando para uma prateleira cheia de livros dourados, com outro movimento derrubou a todos, logo depois a prateleira despencava batendo firmemente contra o chão.

- Por favor, não me mate! Imploro-te – pedia chorando.

- Hum... Deixe-me pensar, vamos ver se você merece – o estranho maléfico fechou os olhos por alguns segundos e os abriu gritando - Já pensei, acho que não!

Seus dentes pontiagudos representavam uma sede de matança, segurou por um tempo o papa e o matou fulminantemente enterrando o braço de Emannuel contra a própria garganta.

Após os últimos gemidos, o sujeito disse:

- Meu nome é Luciférius.

Não demorou muito e ouviu-se o estalar de vidros quebrando. O homem maléfico acabara de fugir, deixando mais um conclave ao serviço da igreja católica.

Capítulo 4

Morte...

O alarme soava por todo Palácio Papal, os corredores estavam lotados de religiosos e turistas desesperados que corriam de um lado para o outro, a Praça de São Pedro se tornou motivo de silêncio pelo seu escoamento. O alarme no Vaticano já não era tocado há muito tempo, desde pequenos incêndios ou tentativas de roubos.

Todos estavam apavorados, um homem que passava por duas velhas mulheres gritava desesperado levando as mãos à cabeça:

- Sofremos um atentado, o Papa morreu, sofremos um atentado. Deus nos salve!

Mas ninguém sabia o que havia ocorrido de fato, ninguém mais saia ou entrava sem permissão. Policiais e forças táticas estavam a caminho, e foi nesse momento que a praça se encheu de gente que se ajoelhava e gritava em coro:

- Papa nos salve! – em vão falavam. Só se observava as finas cortinas brancas nas janelas do palácio.

Todo o tumulto ali havia sido formado após o boato vindo de um grupo de senhores que estava na praça em frente ao palácio.

- Eu vi um homem estranho pulando da janela, eu ouvi os estilhaços de vidros e também senti a fúria que aquele homem tinha – dizia eles há poucos minutos a todos que passavam, estavam assustados, loucos.

Dentro do palácio, tudo silencioso e doentio, pessoas sentadas, algumas chorando e outras comentando sobre o que era suspeito. Um menino que estava sentado aos pés da mãe, perguntou a mulher:

- Mamãe, por que dizem que mataram o Papa? Por que as pessoas matam?

A mulher sorriu para ele e respondeu:

- Filho, as pessoas matam, porque são más – sorrindo mais uma vez ao passar a mãos nos cabelos loiros do menino.

As múltiplas escadarias que iam de um lado para o outro, mantinham-se infestadas de pessoas quietas e cabisbaixas, essas eram turistas que tiveram a infelicidade de estarem ali justamente naquele momento. A Sala Papal ficava em algum dos andares de cima e ali dentro também havia grande segurança dos guardas.

De repente a porta principal foi escancarada com um forte solavanco.

- Todo mundo quieto, por favor, ninguém sai – ordenava um policial alto de roupa preta.

Atrás dele entrou toda uma equipe de policiais de força tática e força civil, por último um homem carrancudo com um formoso maxilar, trazendo na cabeça uma boina militar. O homem passou rapidamente pelas pessoas e seguiu pelas escadas juntos aos demais homens, passaram por galerias, salas e mais escadas, até encontrarem a porta da sala do Papa.

Não estava trancada, percebeu um deles ao girar a maçaneta e escutar um estalo da fechadura. Com cuidado foram abrindo e quase caíram de costas ao verem a imagem, o local só ficou ainda mais silencioso, nenhum homem se mexeu e o robusto carrancudo de boina cortou o grupo e entrou de uma vez só na sala, também se assustou com o que via.

O corpo de Emannuel estava assustadoramente pregado na parede, virado de cabeça para baixo, o que deixava o local mais assustador, o braço socado quase que até o cotovelo na garganta e os olhos abertos do homem se tornava praticamente o pior assassinato que todos eles já haviam visto.

- Homens! Vamos ao trabalho! Peguem tudo de suspeito e retirem o corpo do Papa dali – disse o militar de boina, o nome dele era Sherigan, chefe do grupo.